

DEUS NÃO SE CANSA

A misericórdia como forma eclesial

Coleção TEOLOGIA

Vem, Espírito Criador – *Meditações sobre o Veni Creator*
Raniero Cantalamessa

A Arte da Vida – *O quotidiano na beleza*
Marko Ivan Rupnik, s.j.

Palavras em Redor do Poço – *Conversas sobre a fé*
Stella Morra

Deus Não Se Cansa – *A misericórdia como forma eclesial*
Stella Morra

Stella Morra

Deus Não Se Cansa

A misericórdia como forma eclesial



EDITORIAL A.O.

Título original

Dio no si stanca

© 2015 Centro editoriale deboniano
via Scipione Dal Ferro, 4 – 40138 Bologna
www.deboniane.it

EDB®

ISBN 978-88-10-40989-3

Tradução

Manuel Losa, s.j.

Na Capa

The Good Shepherd
Lucas The Elder Cranach

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal nº

416786/16

ISBN

978-972-39-0823-7

Outubro de 2016

Com todas as licenças necessárias

©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRÁGA
Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441
www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Aos monges de
Dominus tecum:
por aquilo que sois

Agradecimentos

Estas páginas requerem muitos agradecimentos. Os pensamentos tornaram-se sinais no papel, legíveis para muitos, graças à insistência e à colaboração de muita gente; mas, antes disso, os pensamentos nasceram das palavras partilhadas, das coisas feitas em conjunto, dos olhares interrogadores, da troca de alegrias e de cansaços. Obrigado a todos e a cada um.

Para a fase final de elaboração do livro, agradeço cordialmente à Mariella, ao Stefano, ao Paolo, à Francesca, à Maria Paola, à Irma, à Daniela, à Emanuela, ao Abramo, ao Zeno e ao Emanuele.

Uma gratidão que não se inicia com este livro e que certamente não acaba aqui, para com o Marco, o Filippo e a Manuela: interlocutores, tradutores e corretores pacientes, disponíveis, decididos, incansáveis, inteligentes e afetuosos... que mais pedir?

Um muito obrigado à Emanuela e a todos aqueles que partilham o quotidiano com os que colaboraram neste trabalho: suportaram o nervosismo, substituíram nas incumbências quotidianas, criaram as condições para um trabalho comum... práticas verdadeiramente decisivas para se poder trocar palavras teóricas!

Obrigada ao P. Ghislain pelo prefácio e pelas muitas coisas dele que estão em nós, antes de estarem nestas páginas: um mestre e um amigo nesta «caravana solidária» (*Evangelii gaudium*, n. 87).

A responsabilidade destas páginas é inteiramente minha, especialmente nas suas limitações. Agrada-me pensar que este texto é um fruto comum que reflete apenas uma parte das coisas que

Deus Não Se Cansa

vivemos juntos; espero que possamos, todos nós, ficar contentes, reconhecendo também aquilo que está escrito nas entrelinhas.

31 de maio de 2015

Festa litúrgica da visita de Maria a Isabel

Siglas e abreviaturas

- AA* *Apostolicam actuositatem*, decreto sobre o apostolado dos leigos, 18 de novembro de 1965: *EV* 1/912-1041.
- CCC* *Catecismo da Igreja Católica*, 1997.
- CIC* *Código de Direito Canônico*, 1983.
- Denz* H. DENZINGER, *Enchiridion symbolorum, definitio-num et declarationum de rebus fidei et morum*, ao cuidado de P. HÜNERMANN, EDB, Bolonha 2000.
- DV* *Dei verbum*, constituição dogmática sobre a divina revelação, 18 de novembro de 1965; *EV* 1/872-911.
- EG* *Evangelii gaudium*, exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, 24 de novembro de 2013.
- GS* *Gaudium et spes*, constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, 7 de dezembro de 1965: *EV* 1/1319-1644.
- LG* *Lumen gentium*, constituição dogmática sobre a Igreja, 21 de novembro de 1964: *EV* 1/284-456.
- PC* *Perfectae caritatis*, decreto sobre a renovação da vida religiosa, 28 de outubro de 1965; *EV* 1/702-770.
- SC* *Sacrosanctum concilium*, constituição sobre a sagrada liturgia, 4 de dezembro de 1963: *EV* 1/1-244.
- UR* *Unitatis redintegratio*, decreto sobre o ecumenismo, 21 de novembro de 1964: *EV* 1/494-572.

Prefácio

Este livro, para o qual a autora, por amizade, me pediu um prefácio, parece-me ter nascido do encontro entre uma pesquisa e uma proposta. Pesquisa: a que se identifica, creio eu, com a própria Stella Morra, desde o momento, agora longínquo no tempo mas mesmo hoje sempre novo, em que ela tomou consciência da fé cristã e partiu à busca do seu sentido e da sua prática. Pesquisa que exigiu, ao mesmo tempo, empenho e reflexão, resultados e mediações. Pesquisa conduzida, portanto, não na solidão mas em diálogo, na discussão, nas escolhas e nos laços da existência. Na Ação Católica, nos espaços da Universidade, nas instituições concretas da vida eclesial, nas comunidades paroquiais e religiosas, nas amizades. Esta pesquisa encontra, agora, uma proposta: a do Papa Francisco, reassumida e unificada na palavra «misericórdia», a ser ela própria interpretada no quadro das ações e das palavras do Papa, antes de mais naquilo que eu teria a audácia de definir como um «manifesto», isto é, o documento programático *Evangelii gaudium*.

A pesquisa de Stella Morra debruça-se sobre o que ela chama a «forma», uma palavra rica, quer em extensão, quer em profundidade, e, por conseguinte, bastante difícil de definir: um conjunto, o mais possível unificado, de convicções, de ações, de sensibilidades, de leis, através das quais seja possível viver autenticamente o Evangelho. O diagnóstico é que, passado já meio século do Vaticano II, ainda não encontramos a «forma» que nos possa permitir avançar de modo mais livre e expedito. Com efeito, a Igreja, pelo menos no Ocidente, é ainda habitada por uma forma

– certamente venerável e que produziu os seus frutos – mas que não é adaptada à conjuntura presente. Esta forma plurissecular pode ser indicada com diversos nomes: «gregoriana», se se refere ao Papa Gregório VII que a pôs em movimento no século XI; «escolástica», se a consideramos contemporânea da Europa das catedrais; «tridentina», se se pensa na maneira como o concílio de Trento foi aplicado na Igreja do Ocidente moderno; «romana», se se toma consciência da determinação dos Papas contemporâneos, sobretudo os Papas Pio (IX, X, XI, XII), em defini-la e em mantê-la. Ora, não se trataria hoje de «reformular», pela enésima vez, este conjunto (referindo-nos a uma purificação por meio de um regresso ao passado, tido como ideal), mas de «atualizar», mais ainda, de «dar à luz» uma forma nova.

Imprevistamente, a leitura deste livro de Stella Morra fez voltar à minha mente a figura emblemática de Pio XII e, por outro lado, recordou-me a reflexão de Claude Lévi-Strauss sobre a *bricolage* cultural. Gostaria de escrever aqui sobre estas duas sugestões.

A «forma» clássica da existência eclesial, da qual Stella Morra oferece diversas análises, foi efetivamente tornada visível em Pio XII de maneira quase perfeita. Romano de nascimento, de pertença, de formação e sobretudo de convicção; foi um dos principais redatores do *Código de Direito Canónico* de 1917, lei perene da sociedade perfeita que é a Igreja; diplomata que representou e defendeu nas políticas dos homens o direito e o primado da Igreja romana; preocupado com fundar a sua ação sobre a verdade católica estabelecida e defendida pelo magistério romano e ensinada, em particular, na Universidade Gregoriana pelo Padre Ledochowski, neotomista e suareziano; respeitador das pessoas, mas instintivamente opositor não apenas das heresias de sempre mas também das perigosas aberturas do pensamento moderno; pontífice muito piedoso que rezou e celebrou a santa missa pelos vivos e pelos mortos do mundo inteiro. Todos estes aspetos e outros semelhantes fizeram dele até à morte o ícone da «forma»

secular do catolicismo. Para os romanos idosos que o conheceram, era e fica na memória como o «Papa», cuja grandeza nenhum sucessor jamais poderia igualar.

E, no entanto, este Papa, que se considerava o responsável último pelo género humano num século de sangue e horror (penso na encíclica *Humani generis*), paradoxalmente abriu brechas na forma romana que ele mesmo levou à perfeição, introduzindo outros paradigmas: rumo a uma Igreja povo de Deus e comunhão, com a encíclica *Mystici corporis Christi*; rumo a um primado fundador do simbólico como expressão e ação da fé e da vida cristã, com a encíclica *Mediator Dei* sobre a liturgia; rumo à introdução do conhecimento histórico na leitura e na interpretação da Sagrada Escritura, com a encíclica *Divino afflante Spiritu*. Mas também rumo a um juízo positivo sobre a democracia, com a mensagem de Natal de 1942, e rumo a uma abertura sem fronteiras a todos os espaços da pesquisa e da prática humanas, por meio de inumeráveis discursos dirigidos a todo o tipo de congressos e encontros, pronunciados com uma espécie de convicção vital sobre a possibilidade de um acordo entre a razão contemporânea e o Evangelho.

Escrevi, propositadamente, «brechas»; de facto, todo este conjunto se dizia ainda sob o signo do «estilo» romano; mas estava também, sem o saber, grávido de uma outra prática, de uma outra sensibilidade, de outra visão do Evangelho na história e no mundo – em definitivo, de uma outra «forma».

O concílio Vaticano II recolheu os elementos desta forma nova, sem premeditação, mas impelido por uma espécie de lógica existencial, sem, no entanto, estar ainda em condições de dar à forma toda a sua pregnância. Não é que não se tenha experimentado fazê-lo: o *Catecismo da Igreja Católica* e o *Código de Direito Canónico* de 1983 foram exatamente parte destas tentativas do magistério católico; poder-se-iam, do mesmo modo, enumerar os títulos de algumas grandes obras teológicas e os

nomes de autores conhecidos; há a dinâmica vital das dioceses, das paróquias, dos movimentos e das iniciativas na Igreja católica; e há sobretudo o esforço de reconhecer – e mesmo de encontrar possíveis colaborações com – tudo o que não é Igreja católica, em vista de uma Esperança comum. A pergunta deste livro será, pois: é possível, hoje, discernir desta «forma» desejada contornos mais precisos, ao mesmo tempo existenciais, dinâmicos, performativos e mesmo inteligentes? Stella Morra pensa que sim e propõe-nos fazê-lo, considerando os recursos vivos da palavra «misericórdia», como a propõe incansavelmente o Papa Francisco na atmosfera profética do seu modo de agir e nas linhas de força da *Evangelii gaudium*. Este livro convida-nos a partilhar a pesquisa e o encontro com o objetivo de adotar a «forma» justa na Igreja e no mundo contemporâneo.

E é a propósito disto que, para concluir, gostaria de retomar o tema da *bricolage* utilizado por Lévi-Strauss para qualificar as culturas humanas: por um lado, encontramos em presença de elementos intelectuais, afetivos, institucionais que no decurso do tempo se constituíram em sistema e que funcionaram mais ou menos bem; mas, por outro lado, existem tentativas, práticas, construções nascidas mais recentemente e que procuram encontrar o seu lugar. Dá-se então uma acomodação que, provisoriamente, nos pode ajudar a mantermo-nos no caminho. Com esta ideia de *bricolage* evita-se perseguir a quimera de uma forma que se imagina operacional e definitiva, de uma coerência sem qualquer desmoronamento, e aceita-se o que Roger Schutz chamava a «dinâmica do provisório». Evita-se também o perigo de perder os valores experimentados da forma precedente; em suma, permanecemos realistas. Pelo que diz respeito, nesta perspectiva, à «forma cristã», o êxito desta *bricolage* será essencialmente conseguido se os elementos do presente (no nosso caso, o Vaticano II na conjuntura do milénio que vem) forem verdadeira e não superficialmente determinantes na operação,

Prefácio

na sensibilidade e na ação da Igreja – diria até: «serão esses elementos, e não já a forma clássica, que darão o ‘lá’ à sinfonia humana». É exatamente aqui que a proposta do Papa Francisco constitui, para Stella Morra, uma etapa decisiva a receber e a pôr em prática. Sigamo-la neste projeto.

Fr. GHISLAIN LAFONT

I

Introdução

1. O OBJETIVO DESTE LIVRO

O nó de que nos ocupamos neste livro nasce de uma urgência particular, ditada pelas condições deste nosso tempo histórico. Efetivamente, enfrentamos uma passagem decisiva, ou pelo menos a sua possibilidade. Creio sinceramente que nós, os teólogos, devemos dedicar os próximos anos – talvez os próximos decénios – a repensar a forma como dizemos, pensamos e vivemos a fé no seu conjunto, ou então perderemos uma ocasião que o Espírito nos está a oferecer, ou mesmo, de algum modo, impelindo-nos a usufruir. Este livro quer ser um contributo, por pequeno que seja, para esta passagem histórica.

Este livro nasce essencialmente a fim de reagir aos repetidos pedidos e indicações do magistério do Papa Francisco: a proclamação do Jubileu de 2015-2016 sobre o tema explícito da misericórdia¹, as muitas reflexões evocadas pelo sínodo extraordinário sobre a família, do ano de 2014, a propósito da medicina da misericórdia, de memória joanina², o debate de preparação para

¹ Cf. *Misericordiae vultus*. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia, 11 de abril de 2015.

² Cf. JOÃO XXIII, *Gaudet mater Ecclesia*. Discurso de abertura do concílio Vaticano II, 11 de outubro de 1962, n. 7.2: «Quanto ao tempo presente, a Esposa de Cristo prefere usar o remédio da misericórdia, em

a assembleia ordinária de outubro de 2015³, para citar apenas algumas macro-questões às quais se poderiam acrescentar outras intervenções sobre os temas da imigração, da doutrina social, do caráter sinodal da Igreja, em que a misericórdia aparece como um estribilho contínuo.

Por outro lado, este livro nasce também porque muitas realidades eclesiais já se ocuparam destes temas nos últimos decénios, mas só nestes anos parecem achar as palavras para dizer e para se dizerem naquilo que, até agora, só embrionariamente estava presente ao nível de práticas e de pensamentos. Em particular, este livro é fruto das discussões derivadas de algumas sessões ocorridas no mosteiro cisterciense *Dominus tecum* de Pra'd Mill (Cuneo) em fevereiro de 2015 e em alguns seminários dos últimos anos com os e as estudantes da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. A explicação do tom coloquial que este texto por vezes assume está nesta sua génese.

2. ALGUNS EQUÍVOCOS A EVITAR

O tema desta reflexão é a misericórdia, mas gostaria de, primeiramente, esclarecer alguns equívocos. Em primeiro lugar, não falaremos dela como de algo indefinido e indistinto. A diversos níveis, existe, de facto, um uso quase retórico do termo «misericórdia» para ocupar um espaço vazio, entre o espiritual e o sentimental. Não creio que este termo sirva como um *passepartout*

vez de abraçar as armas do rigor» (*EV 1/57**).

³ No primeiro *Angelus* como Papa (17 de março de 2013), Francisco citou, com palavras muito benévolas, o livro do cardeal W. KASPER, *Misericordia. Concetto fondamentale del Vangelo – Chiave della vita cristiana*, Queriniana, Brescia 2013. Ao mesmo cardeal e teólogo foram confiados os relatórios preparatórios do sínodo sobre a família de 2014.

para desativar os contrastes ou para encobrir os problemas, para fingir que, simplesmente nomeando-o, «tudo está bem» e «todos os nossos problemas se resolvem». Falar de misericórdia significa ativar mecanismos penosos e problemáticos.

Em segundo lugar, gostaria de excluir, desde o começo, que «misericórdia» se deva entender aqui como um exercício ascético de caráter pessoal, graças ao qual uma pessoa, um pouco de cada vez, se torna melhor, mais cristã, mais misericordiosa. Não quero negar que esta dimensão exista, gostaria simplesmente de colocar a discussão noutro plano.

Quer dizer: gostaria de usar esta palavra de outro modo, mostrando uma riqueza e uma utilidade que estes dois primeiros modos correm o risco de não evidenciar, ou até de encobrir. A tese deste nosso trabalho é a de que a «misericórdia» deve ser usada e percorrida, hoje, como *categoria teológica*, isto é, como uma estrutura fundamental, uma *forma* da fé da Igreja. Neste momento histórico, ela é colocada diante de nós, não tanto como uma virtude individual ou uma questão espiritual, mas como um possível *lugar* de visibilidade da experiência cristã e do seu ser vivível. É o sinal mais evidente de que – esta é a tese de outros teólogos mais ilustres⁴ que faço minha – enfrentamos uma passagem epocal, como dizia antes. A novidade não consiste tanto no facto de, em épocas precedentes, o tema da misericórdia ter estado ausente da vida e da reflexão cristãs. É um tema central do Evangelho⁵, tem raízes profundas no Antigo

⁴ Cf. W. KASPER, *Papa Francesco. La rivoluzione della tenerezza e dell'amore*, Queriniana, Brescia 2015, 49-55; G. RUGGIERI, *Cristianesimo, chiese e Vangelo*, il Mulino, Bologna 2002, 177-219; C. THEOBALD, *La Rivelazione*, EDB, Bologna 2006, 141-170.

⁵ Cf. G. DE LUCA, *La misericordia di Gesù: percorsi di umanesimo nel vangelo di Luca*, LEV, Città del Vaticano 2013. Já Dante Alighieri definia Lucas como «scriba mansuetudinis Christi» (*Monarchia*, I).

Testamento⁶, é um tema caro aos Padres da Igreja⁷. A novidade não está no conteúdo daquilo que tradicionalmente chamamos misericórdia, mas no facto de ser a primeira vez, do ponto de vista da experiência cristã, que esta pode ser usada como *categoria geratriz* da própria experiência cristã. É outra dimensão. Este livro procura mostrar esta diferença.

3. A MISERICÓRDIA COMO CATEGORIA GERATRIZ

Que entendo por «categoria geratriz»? Em toda a história do Cristianismo, não existiram muitas⁸. São as questões que deram o ponto de vista – a *forma* – à totalidade da experiência cristã, da sua visibilidade e da sua vivibilidade. São as categorias a partir das quais se organizam os outros conceitos e se enfrentam os problemas, como numa moldura.

O magistério do Papa Francisco retomou alguns temas centrais do Vaticano II que, contudo, não tinham uma categoria unificante que permitisse percorrê-los na sua complexa articulação, por motivos que historiadores e teólogos explicam⁹. O bispo de Roma, vindo «do fim do mundo», individualizou, com força comunicativa e de modo poderoso, a categoria da misericórdia, também na sequência da receção do concílio Vaticano II por par-

⁶ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in misericordia*, 30 de outubro de 1980, n. III. 4: EV7/1874ss.

⁷ Cf. S. A. PANIMOLLE (a cura di), *Dizionario di spiritualità biblico-patristica, 3: Amore, carità, misericordia*, Borla, Roma 1993.

⁸ Cf. G. LAFONT, *Storia teologica della Chiesa. Itinerario e forme della teologia*, San Paolo, Cinisello Balsamo 1997, 319-357.

⁹ Cf. *Concilium* 4 (2005), com o título «Vaticano II: um futuro esquecido?», com contributos, entre outros, de G. ALBERIGO, H. LEGRAND, C. THEOBALD, P. HÜNERMANN.

te das Igrejas latino-americanas¹⁰. O Papa Francisco conseguiu usar – e dizer – uma única palavra, para dar uma forma à complexa articulação das questões. Não é coisa de somenos, porque todos sabemos como nos sentimos quando não temos palavras capazes de o fazer¹¹. A categoria da «misericórdia» pode ser a chave, a nova moldura para repensar uma forma cristã radical.

É este o objetivo. Os níveis de aplicação e de verificação da tese são muitos. Alguns são mais teóricos, próprios sobretudo dos teólogos, outros, como veremos, são muito concretos. O nível decisivo, contudo, é o da pesquisa de formas congruentes ao nível de práticas concretas. Tomemos como exemplo um mosteiro ou a vida de uma paróquia: o modo como se fazem as coisas (como se fala, como se tomam as decisões, como se organiza a vida quotidiana) funciona mais de uma maneira ou de outra, segundo o quadro no interior do qual o pensamos. A tese é que o quadro de referência destas práticas para a próxima época da história cristã deverá ser a misericórdia. Ou melhor, algumas realidades eclesiais já vivem segundo um novo quadro, mas faltam as palavras para o dizer. Como efetivamente veremos já no próximo capítulo, a relação entre as categorias geratrizes e as práticas é ambivalente. Pensando uma categoria, dela derivam algumas práticas, mas também o oposto é verdadeiro: pensar uma categoria nova a partir da mudança de algumas práticas, porque, agindo de modo diferente, também se pensa de maneira diferente.

¹⁰ O então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Bergoglio, teve um papel decisivo na Quinta conferência episcopal do episcopado latino-americano e das Caraíbas, realizada em Aparecida, em maio de 2007. Numa entrevista ao periódico *30 dias*, de novembro seguinte, Bergoglio sintetizou assim as «duas coisas de que, neste momento, se tem mais necessidade: misericórdia, misericórdia e coragem apostólica».

¹¹ Cf. P. SEQUERI, «Coscienza cristiana, *ethos* cristiano e canone pubblico», in M. VERGOTTINI (a cura di), «*A misura di Vangelo*». *Fede, dottrina e Chiesa*, San Paolo, Cinisello Balsamo 2003, 13-30.

Índice

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Siglas e abreviaturas</i>	9
<i>Prefácio: Fr. Ghislain Lafont</i>	11
I – INTRODUÇÃO	17
1. O objetivo deste livro	17
2. Alguns equívocos a evitar	18
3. A misericórdia como categoria geratriz	20
II – AS DIFICULDADES ACERCA DA FORMA	23
1. Da <i>ratio</i> aristotélica à história da salvação	23
2. Reformar ou atualizar?	25
3. A questão prática e a solução moral	27
4. O caso doloroso do ministério ordenado	31
5. A questão teórica e a solução espiritual	32
6. O resultado da individualização da fé	35
7. Sintomas, causas e efeitos	37
8. O caso delicado da vida consagrada	39
9. Cinquenta anos depois do Vaticano II	41
III – A FORMA «TOMISTA»	45
1. Gradualidade, concretismo e liberdade	45
2. A forma gregoriana	46
3. A questão da realidade	48
4. Matéria, forma e substância	49
5. A outra realidade	52

6. O processo: potência e ato	53
7. A herança neotomista	58
IV – PERGUNTAS NOVAS E RESPOSTAS GASTAS	61
1. Tempo de passagem, mas não sem deveres	61
2. A catolicidade	63
3. A inclusividade	64
4. A processualidade	67
5. Respostas fáceis mas inúteis	68
6. A fidelidade evangélica	69
V – A FORMA QUE ESTÁ A PASSAR	73
1. Ortodoxia e ortopraxis	73
2. Vida e natureza	77
3. O princípio da autoridade	79
4. A subavaliação da prática	81
5. A tentativa da «nova evangelização»	83
6. Demasiada pertença e pouca identidade	84
7. A crise da espiritualidade	86
8. A vida segundo o Espírito	91
VI – A EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE	95
1. A realidade decomposta	95
2. A forma da revelação e os princípios	97
3. O nó da tradição	101
4. O tempo	103
5. Caminho, verdade e vida	105
6. «Sistema» e «relações»	107
7. A auto-organização do sistema	109
8. Dualismos e unitarismo	112
9. A «emergência» da graça	115
10. Um monismo não reducionista	118
10.1. <i>Imaginar os novíssimos</i>	121

Índice

10.2. <i>Recontar a criação</i>	122
11. A lógica hermenêutica: sujeito e objeto	124
12. O corpo	128
13. Anotação sobre a teologia	131
VII – A MISERICÓRDIA	135
1. Direções e figuras	135
2. Exatidões e superabundâncias simbólicas	137
3. As sete obras-ações da misericórdia	140
3.1. <i>Tem o seu objeto fora de si</i>	141
3.2. <i>É um bidirecional perfeito</i>	141
3.3. <i>Tem um caráter processual interno</i>	143
3.4. <i>Tem um acentuado valor prático</i>	143
3.5. <i>É uma categoria inclusiva</i>	144
3.6. <i>Não é própria de uma pertença</i>	145
3.7. <i>Nela, ação e emoção produzem pensamento</i>	146
4. O critério da pastoralidade	146
4.1. <i>Entre cidadãos e povo</i>	147
4.2. <i>«O tempo é superior ao espaço»</i>	152
4.3. <i>«A unidade prevalece sobre o conflito»</i>	161
4.4. <i>«A realidade é mais importante do que a ideia»</i>	167
4.5. <i>«O todo é superior à parte»</i>	173
5. Um programa de trabalho	179
<i>Bibliografia</i>	185
<i>Índice</i>	193